

**As duas repúblicas de um intelectual desiludido –
a política como força motriz na vida e obra de Euclides da Cunha**

Luiz Alberto Scotto de Almeida*

Resumo: O abalo das convicções republicanas de Euclides da Cunha - seja pela desilusão com os militares, seja pelo desencanto com os governos civis – fez com que produzisse duas visões distintas dos episódios de Canudos. Em sua cobertura jornalística, para o jornal *O Estado de São Paulo*, defendeu a intervenção do governo, apoiou o Exército e condenou de forma veemente os jagunços. Quatro anos mais tarde lançou *Os Sertões* e, agora, acusava os militares e o Estado de terem realizado um massacre e conta, de maneira aterradora, como os sertanejos de Canudos foram eliminados. Na obra de Euclides da Cunha existe duas guerras de Canudos: uma em que o Exército cumpre seu papel republicano e civilizador; outra em que protagoniza um massacre em nome da civilização. As duas construções se diferem pela desilusão política do autor.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, república, desilusão

**The two republics of a disillusioned intellectual –
politics as the engine in the life and work of Euclides da Cunha**

Abstract: Euclides Cunha was one of most important names in the beginning and consolidation of the Brazilian Republic, an intellectual engaged in the ideology of the political system change. However, the shock of the republican convictions of Euclides da Cunha – either by his disenchant with the Army, or as a result of his disillusionment with the civil government – produced two distinct visions of the Canudos episode. To understand the role of the intellectual Euclides da Cunha is the objective of this work, putting in evidence the political disillusion of the author as the trigger for the appearance in his work of two Canudos' war: one in which Army fulfills its civilizing and republican role; and another one where Army appears as the center of a massacre in the name of civilization.

Key-words: Euclides da Cunha, republic, disillusion

Numa das últimas correspondências – sete dias antes de sua morte –, Euclides da Cunha fez um desabafo e acabou por nomear sua desilusão mais profunda. É evidente que já está às voltas com a tragédia pessoal que acabou com sua vida, mas o conteúdo dessa correspondência não passa por inventariar seu drama familiar. Muito pelo contrário: seu foco de desilusão é a política.

* Universidade Federal de Santa Catarina - Curso de Jornalismo – Professor Doutor

Estou nessa reserva desde os vinte anos, quadra que me assaltou o pessimismo incurável com que vou atravessando esta existência no pior dos piores países possíveis e imagináveis. (CUNHA, 1909 apud GALOTTI e NOGUEIRA, 1997: 423)

A desilusão de Euclides da Cunha, criado intelectualmente no ambiente de louvação à ciência, tem seu nascimento ainda na propaganda republicana e na fé positivista. Apesar do profundo descontentamento com seus mestres militares e os governos que se seguiram, manteve-se na defesa pública do governo ditatorial de Floriano Peixoto, acreditando sempre que o Exército era a única força capaz de impor um projeto político transformador para a sociedade brasileira. Enxergava nas presidências civis o continuísmo imperial dos setores agrícolas veiculados ao café.

Os radicais – “os puros” da República – atribuíram ao presidente civil o papel de restaurador da monarquia. Era uma pecha que lhes facilitava a oposição e forçava o governo a atitudes mais próximas do que desejavam. Escreveu Prudente de Morais:

Sei que os jacobinos têm-me ódio e tornam-se dia a dia mais arrogantes – à proporção que vão sendo animados pelos chefes-generais... – e logo que se sintam com forças para substituir-me por algum general, que faça a política forte do Marechal, não adiarão para o dia seguinte. (FAORO, 2000: 634)

A governabilidade do presidente Prudente de Morais estava baseada no absoluto esfacelamento do quadro político nacional: civis contra militares, florianistas contra deodoristas, positivistas contra liberais, monarquistas contra republicanos, federalistas contra legalistas, parlamentaristas contra presidencialistas. Numa tradução geo-econômica poderia ser: gaúchos contra paulistas, lavouras de café contra cidades, oligarquias contra Exército e assim por diante. As disputas tinham cores e se acentuavam dependendo da natureza do embate. No momento, os florianistas estavam em alta e na sua estratégia escolheram como adversários aqueles que lhes proporcionariam maiores ganhos políticos junto à população: os monarquistas.

Euclides da Cunha entrou na campanha jornalística de Canudos com os artigos a “A Nossa Vendéia”, o primeiro publicado no *Estado de São Paulo*, fazendo coro com o conteúdo de que Canudos era outra tentativa de restauração monárquica. Era um artigo sem nenhuma informação relevante, mas que bradava à alma moderna e civilizadora, à ciência e ao conhecimento – tentava dar sentimento de valor à batalha contra Conselheiro no interior da Bahia. Terminava plenamente integrado ao espírito do momento: “...nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República”. (CUNHA, apud GALVÃO, 2000: 59)

Euclides foi mais uma voz na quase unanimidade expressa nos jornais que apontavam os responsáveis pela Guerra de Canudos como os mesmo da revolução federalista do Rio Grande do Sul e da Revolta da Armada: os monarquistas tentando restaurar o antigo regime. A velha ameaça do terceiro reinado aparecia novamente como explicação para a reação contrária ao regime republicano. E mais uma vez o Exército era obrigado a salvar a pátria do retrocesso. Esta visão aparentemente simplista escondia camadas distintas de entendimento da realidade nacional. Com exceção dos raros quadros intelectuais monarquistas – como Joaquim Nabuco, Afonso Arinos, Paulo Prado, que a essa altura dos acontecimentos sequer saíam na rua – a cooptação para o lado do poder foi absoluta.

Foi para Canudos, como correspondente de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*, porta-voz dos cafeicultores paulistas, e produziu uma cobertura jornalística adequada à visão dos militares: oficialista, ufanista, com matérias dando “vivas à república”, mas que também atendia aos interesses do Jornal que acreditava ser Canudos um levante monarquista. É interessante observar que no fim da guerra, quando fica claro que não existem monarquistas envolvidos em Canudos, a direção do jornal perdeu o interesse em publicar o livro *Os Sertões* que, afinal, havia sido o principal objetivo ao enviar Euclides da Cunha.

O engajamento dos intelectuais naquele momento histórico – fossem eles da banda política que quisessem –, acabava por legitimar as ações do Exército contra jagunços ou contra maragatos por razões absolutamente ideológicas. Para implantar o novo regime no país seria necessário enfrentar categorias de resistências distintas na sua radicalidade e natureza. A República precisava consolidar seus valores e, para isso, tinha o dever de enfrentar tentativas de fragmentação do território nacional – como no caso gaúcho – ou resistências monárquicas regionais, como as do interior baiano. Era dessa forma que a elite intelectual republicana – desgostosa ou não, militarista ou civilista – enxergava os movimentos que se opunham ao seu ideal político. Nestes momentos de ameaça, o conceito de república era amplo o suficiente para abrigar todo tipo de utopias e esconder toda natureza de atrocidades. Por essa razão, a convivência com que os intelectuais se comportaram durante a guerra de Canudos foi desconcertante.

Se intelectuais de todos os matizes políticas silenciaram diante do massacre – “do crime”, como seria dito mais tarde – no caso de Euclides da Cunha, que era um quadro engajado no projeto republicano vencedor, o nível de envolvimento foi muito maior. Maior e pior. Cartas trocadas com amigos revelam a possibilidade – aliás, muito provável – que em momento algum tenha acreditado, de fato, na rebelião monarquista no sertão baiano. E se

acreditou, viu nela a chance perfeita para fazer política de desgaste e tirar proveito da oportunidade. Numa correspondência do ano de 1895 – portanto, dois anos antes de Canudos tornar-se notícia nacional – ao amigo Bueno Brandão, nota-se como a idéia de restauração monárquica era acalentada por ele na tentativa de “depurar” o governo.

A História tem também seus absurdos; talvez tenhamos que lhe fornecer mais um. Confesso-vos que a coisa será interessante – porque não levar ao extremo a confissão? – asseguro-vos que intensa curiosidade dá-me alguma vontade de que o absurdo se realize. Tenho saudades daquela minoria ativa anterior ao 15 de novembro...há tanto republicano hoje...Para mim a Restauração teria o valor de fazer ressurgir a legião sagrada mais enérgica e mais orientada, capaz de vencer com mais dignidade e com mais brilho. (CUNHA, 1895 apud GALOTTI e NOGUEIRA, 1997: 88)

“Para mim a Restauração teria o valor de fazer ressurgir a legião sagrada.” Este desejo, expresso com tanta clareza (“ao extremo da confissão”) e a ironia de suas reticências (“...há tanto republicano hoje...”), explica o tom entusiástico de sua cobertura jornalística da guerra de Canudos. Revela também o instinto ladino e a esperteza política do escritor, longe da imagem de autor enganado pela propaganda republicana. A idéia de um Euclides da Cunha enganado pela propaganda republicana é insustentável, mas surgiu no momento da publicação de *Os Sertões* e é encontrada ainda em trabalhos recentes. Era ele quem fazia a propaganda. Atribuiu aos monarquistas o levante de Canudos porque, como todos os chamados de radicais, queria enfraquecer o governo de Prudente de Moraes, de modo a propiciar a reorganização do sistema republicano.

“A Causa Republicana” estava, para Euclides da Cunha, acima e além de qualquer coerência intelectual ou doutrinária. O militante viu no episódio o que todos os “puros” (positivistas e florianistas) também enxergaram: a oportunidade de aglutinar as forças militares em torno do “verdadeiro” projeto republicano – a história lhes dava uma segunda chance de purificar o regime. Essa idéia, central neste trabalho, se tornará ainda mais evidente em *Os Sertões*. Mas neste momento, Euclides da Cunha supera todas as críticas e mágoas para com o regime e se propõe defendê-lo da grande ameaça restauradora.

Toda a atividade de vida, toda a energia de Euclides da Cunha se coloca a serviço da causa republicana. Sua crítica amarga e dolorida aumenta ou diminui dependendo da estabilidade do novo regime. Pode-se dizer, grosso modo, que se há estabilidade na República encontramos Euclides amargurado e rancoroso com o regime. Aparecem as ameaças e o encontraremos com ares juvenis, revigorado na sua fé republicana.

Do ponto de vista político, Euclides da Cunha faz a cobertura mais oficial – de acordo com a versão oficial dos fatos – de todos os jornalistas enviados a Canudos. Não é possível dizer que seja uma forma mais ampla ou mais profunda, mais estreita ou mais superficial – é uma maneira “oficial” de ver a guerra, sempre colocando os acontecimentos na perspectiva do que julga bom para o Brasil e para a República. Seu olhar destaca acontecimentos periféricos, como o carinho com que as pessoas tratavam os soldados de Canudos: “...os bondes esvaziam-se ante um gesto lento, cada passageiro procurando ceder o lugar ao defensor obscuro da República”. (CUNHA, 1897 apud. GALVÃO, 2000: 71). Muitas das suas reportagens e telegramas, ao contrário dos demais correspondentes, terminam com apelos patrióticos de “A República é imortal!” e “Viva a República”. Sua identificação com as tropas é absoluta.

E desta proximidade resulta um texto de amplitude maior, onde o valor simbólico dos acontecimentos ganha relevância política. Um exemplo disso é a idéia de Euclides da Cunha ao ver soldados de todo o Brasil chegando para a guerra.

Índoles diversas, homens nascidos em climas distintos por muitos graus de latitude, contrastando nos hábitos e tendências étnicas, variando nas aparências; fronte de todas as cores – do mestiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco – aqui chegam e se unificam sob o influxo de uma aspiração única. Parece um refluxo prodigioso de nossa história. Depois de longamente afastados, todos os elementos da nossa nacionalidade volvem bruscamente ao ponto de onde irradiaram, tendendo irresistivelmente para um entrelaçamento belíssimo... Não é, certo, a primeira vez, esta, em que se opera uma arregimentação geral de forças e se unem os brasileiros esparsos... Não se trata de defender o solo da pátria do inimigo estrangeiro; a luta tem uma significação mais alta e terá resultados mais duradouro (...) (CUNHA, 1897 apud. GALVÃO, 2000: 88)

Esse movimento de populações tão distintas resultaria na refundação da pátria (“todos os elementos da nossa nacionalidade volvem bruscamente ao ponto de onde irradiaram”). Euclides da Cunha torna este argumento mais evidente quando afirma: “...creio que a organização superior da nossa nacionalidade, em virtude da energia civilizadora acrescida, repele, pela primeira vez, espontaneamente, velhos vícios orgânicos e hereditários tolerados pela política expectante do Império.”(CUNHA, 1897 apud. GALVÃO, 2000: 89). Ou seja, Canudos faria parte da herança negativa do Império, seja na sua vertente monarquista - insinuada por ele - seja no fanatismo retrógrado ali representado.

A guerra, desta forma, estava explicada: seja por sua origem monárquica – como foi o discurso inicial -, seja pela representação “de retardatários” que ela abriga. A guerra se justificava, nas palavras de Euclides da Cunha, porque “prevejo os resultados positivos desse movimento cuja feição destruidora é um incidente transitório”. (CUNHA, 1897 apud.

GALVÃO, 2000: 91) Aí está com todas as letras o verdadeiro sentido que, para ele, desculpava o desenrolar da guerra. No cômputo geral de sofrimento e destruição, o saldo invariavelmente era positivo porque “eram transitórios”, uma vez que os benefícios – supomos – seriam permanentes.

Quatro anos depois lançou o que chamou de “livro vingador” – *Os Sertões* (CUNHA, 1909 apud GALOTTI e NOGUEIRA, 1997: 306). A mudança foi radical e a condenação à ação do Exército, em Canudos, absoluta. Toda a obra é construída a partir de níveis de compreensão. O meio físico evolui para a particularidade da terra como representação científica (nas suas variáveis geológicas e botânicas, que tanto explorou) e daí para o sertão como representação de um país desconhecido e inóspito. Da definição racial do povo do lugar, Euclides avalia o homem (“o cerne vivo da raça”) expresso na figura do jagunço, o brasileiro excluído do projeto nacional. E do momento, ou seja, a realização ou a ação se expressa no conflito armado, no instante de desencontro entre o arcaico e o moderno.

Quando procuramos as origens de *Os Sertões*, torna-se evidente que o livro não foi planejado com este enquadramento ideológico: trágico no retrato do sertanejo e cruel no perfil do Exército. Como vimos, a idéia de escrever um livro sobre a guerra de Canudos esteve presente desde o início, quando Júlio Mesquita solicitou ao presidente Prudente de Moraes autorização para enviar um correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*. “...Quer prestar serviços à República e preparar elementos para um trabalho histórico...” (GALVÃO, 2000: 13). Esse “trabalho histórico”, na caderneta de campo de Euclides da Cunha, onde tomou nota dos acontecimentos da campanha de Canudos, tinha um cabeçalho. Na página dois está escrito com sua letra miúda: “A Nossa Vendéia”, no alto da página; logo abaixo, “Diário de uma Expedição” (CUNHA, 1975: 2). De modo que é evidente sua intenção de usar, no livro, o título já utilizado em seus dois artigos sobre a guerra de Canudos. Com isso, revela o tanto que teve de mudar do seu projeto original.

Passado este início científico – e supostamente “neutro” de sua linguagem – o narrador desce seu olhar sobre a tropa. O texto mantém seu foco sobre o Exército que foi a Canudos para restabelecer a autoridade do poder republicano. É neste momento que o texto se torna surpreendente: temos a figura do comandante enlouquecido, quando descreve Moreira César como alguém com “temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrendo a instabilidade nervosa de doente grave em placidez enganadora” (CUNHA, 1976: 231); temos a insólita comparação entre fanáticos por Floriano e por Cristo; temos a ironia amarga da república que norteava os oficiais (CUNHA, 1976: 346). São nesses momentos do texto que Euclides da Cunha ataca seus antigos aliados políticos e, através deles, ataca firmemente a

ação do regime republicano que na cobertura jornalística, de quatro anos antes, saudara com veemente entusiasmo. Em *Os Sertões* vamos encontrar:

O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais. Enquanto os que lho ameaçavam permaneciam distantes, rodeava-os de ciladas que lhes tolhessem o passo. Mas quando eles, ao cabo, lhe bateram às portas e arrombaram-lhas a coices de armas, aventou-se-lhe, como único expediente, a resistência a pé firme, afrontando-os face a face, adstrito à preocupação digna da defesa e ao nobre compromisso da desforra. Canudos só seria conquistada casa por casa. Toda a expedição iria despender três meses para a travessia de cem metros que a separavam do apside da igreja nova. E no último dia de sua existência inconcebível, como bem poucas idênticas na história, os seus últimos defensores, três ou quatro anônimos, três ou quatro magros titãs famintos e andrajosos, iriam queimar os últimos cartuchos em cima de seis mil homens! (CUNHA, 1976: 346)

É evidente que Euclides da Cunha esteve norteado, em seus dois momentos distintos, por interesses políticos e entendimentos sociais de natureza diversa. O repórter que havia escondido o massacre de Canudos deu lugar ao escritor corajoso, verdadeiro na denúncia do morticínio realizado pelas tropas republicanas. Torna-se claro que o escritor se deixava levar pelo sentimento mais genuíno de desilusão política com o novo regime.

A idéia de um livro sobre o episódio de Canudos também estava nas conversas que Euclides da Cunha mantinha com autoridades ou mesmo com colegas jornalistas da campanha. Tanto nos diários da Bahia, que registraram sua presença se deslocando para a região do conflito, como em textos de outros jornalistas, há a citação direta ao trabalho que iria desenvolver sobre o episódio. Num trecho da reportagem publicada no *Jornal do Comércio*, do dia 23 de outubro, o jornalista substituto de Manuel Benício – não identificado – escreveu a respeito.

Agora, vamos noticiar o breve aparecimento de um importante livro, a Nossa Vendéia, que está escrevendo o Dr. Euclides da Cunha, representante aqui de O Estado de São Paulo. Eis o esboço das duas primeiras partes deste trabalho sobre Canudos: A Natureza – caracteres físicos; feição topográfica. Formação geológica. Região em grande parte estéril... A flora. A fauna. Frutificação incerta e temporânea.... O homem – caracteres físico. Alimentação. Habitação. A coragem pessoal. Vida animal; o exorbitante prejudicando as funções intelectuais e morais...A influência diária de um solo árido. Vida nômade...um isolador étnico. Infantilidades. Imaginação viva. Reflexão amorosa..O terror religioso. A desconfiança. As santas missões. Vocabulário. É, como se vê, um estudo importante, prendendo-se a uma concepção geocêntrica do nosso tabaréu. (GALVÃO, 1977: 339)

É interessante observar que a estrutura estava previamente alinhada, de modo que as partes um e dois de *Os Sertões* são originárias do primeiro esboço do livro intitulado a *Nossa*

Vendéia. E mais uma vez aparece o título pensado originalmente por Euclides da Cunha. No entanto, as duas primeiras partes, que aparecem com os subtítulos de *A terra* e *O homem*, irão corresponder a trinta por cento da obra. O trecho relativo *A luta* forma grande parte do livro. E neste território da obra, o caráter político do episódio ganha feições contrárias – ou melhor, opostas – ao exposto na cobertura jornalística. Mas é importante observar que o livro está dividido em partes estanques que – como vimos – chegaram a preocupar o autor.

Neste sentido, *Os Sertões* e a escassa obra que se segue têm como objetivo a denúncia de um sistema político que havia traído suas idéias de positivista e seus sonhos de republicano. A guinada no pensamento de Euclides da Cunha se expressa num livro que traz os excluídos do campo, do interior do Brasil, até então abandonados pelo projeto republicano vencedor. Foi a maneira com que Euclides da Cunha colocou, na Rua do Ouvidor, seus jagunços, “cerne da nacionalidade”, massacrada pelas forças civilizadoras do novo regime.

Sua atuação política/intelectual, a partir daquele momento, está em revelar um Brasil que não existia para o mundo “civilizado e letrado” da Primeira República. Foi a ação política que dirigiu e deu rumo as suas obras. Para quem havia sido um republicano fervoroso de primeira hora, sua opinião sobre o novo regime mudara bastante:

(A República) triunfo das mediocridades e na preferência de atributos inferiores, já de exagerado mando, já de subserviência revoltante (...); é seleção natural invertida: a sobrevivência dos menos aptos, a evolução retrógrada dos aleijões, a extinção de toda uma linha das belas qualidades de caráter... (CUNHA, apud SEVCENKO, 2003: 177)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1976.
- _____. *Diário de uma Expedição*. Org. GALVÃO, Walnice Nogueira. São Paulo, Companhia da Letras, 2000, p.59.
- _____. *Correspondência de Euclides da Cunha*. Orgs. GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo. São Paulo: Editora da USP, 1997.
- FAORO, Raimundo. *Os Donos do Poder – Formação do Patronato Político Brasileiro*. São Paulo, Ed. Globo, 2000.
- RABELO, Silvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: ECB, 1948, p.112.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.